



## Universidades Lusíada

Oliveira, Humberto Nuno Lopes Mendes de, 1961-

### **E se fosse Guimarães?**

<http://hdl.handle.net/11067/200>

<https://doi.org/10.34628/bj4s-c383>

#### **Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	2009
<b>Resumo</b>	É impossível analisar os acontecimentos recentes no Kosovo sem atender às profundas raízes culturais e históricas daquele território, sem atentar na sua evolução e nos séculos de sofrimento a que foi sujeita a sua população sérvia. Na realidade o conjunto dos Balcãs e o Kosovo em particular foram palco de uma política de opressão e de repressão étnico-religiosa que determinaram a sua substituição populacional ao longo dos séculos. Falar de auto-determinação de um território vítima de uma continu...
<b>Palavras Chave</b>	Kosovo - História, Kosovo - Política e governo, Kosovo - Relações étnicas
<b>Tipo</b>	article
<b>Revisão de Pares</b>	Não
<b>Coleções</b>	[ULL-FCHS] LPIS, n. 02 (2009)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T09:57:31Z com informação proveniente do Repositório

# E SE FOSSE GUIMARÃES?

Humberto Nuno de Oliveira

[hnlmdo@lis.ulsiada.pt](mailto:hnlmdo@lis.ulsiada.pt)



## E SE FOSSE GUIMARÃES?

Humberto Nuno de Oliveira \*

*Se algum factor fez dos Balcãs o que foram na história – e o que são ainda hoje – foi o calvário turco. Mas o que significam os 500 anos de ocupação turca nos Balcãs não é matéria de fácil definição.*

(Stillman 1964: 43)

**Resumo:** É impossível analisar os acontecimentos recentes no Kosovo sem atender às profundas raízes culturais e históricas daquele território, sem atentar na sua evolução e nos séculos de sofrimento a que foi sujeita a sua população sérvia. Na realidade o conjunto dos Balcãs e o Kosovo em particular foram palco de uma política de opressão e de repressão étnico-religiosa que determinaram a sua substituição populacional ao longo dos séculos. Falar de auto-determinação de um território vítima de uma continuada limpeza étnica, cultural e religiosa é a legitimação de actos que a hodierna política internacional deve liminarmente condenar e banir.

**Palavras-chave:** Sérvia, Kosovo, História, Balcãs, Repressão.

**Abstract:** To analyze recent events in Kosovo without taking in consideration the deep historical and cultural roots of the territory is an impossible task. It is impossible to look at it without taking in consideration centuries of suffering imposed to its Serbian population. In reality the whole of the Balkans and Kosovo in particular had been the stage of huge politics of oppression and ethnic-religious repression that led to a population substitution throughout the centuries. To speak of self-determination under such conditions, applying them to a territory victim of a continued ethnic, cultural and religious cleanness is merely the legitimating of acts that modern international politics must clearly condemn and banish.

**Key words:** Serbia, Kosovo, History, Balkans, Repression.

---

\* Universidade Lusíada de Lisboa. Presidente da Associação Portugal-Sérvia.

## Introdução

O título algo provocatório deste artigo, tendo sido intencionalmente procurado, não o foi segundo critérios de objectividade e rigor históricos<sup>1</sup> que, neste particular, não se buscaram nesta singela analogia à situação do Kosovo.

Se é certo em Portugal que Guimarães, e seu termo, sempre defenderam que são o berço da nacionalidade, outrossim o Kosovo é indesmentivelmente o alfobre da nação sérvia e essa realidade, a um mesmo tempo, histórica, cultural, religiosa e mítica é impossível de ser apagada ou sacrificada em nome de uma qualquer, desajustada, “auto-determinação” ou *realpolitik*<sup>2</sup> que não tenha em atenção o devir histórico daquele território e suas motivações profundas.

Qualquer observação sobre o Kosovo que estabeleça dos factos históricos tábua rasa e que os não enquadre falhará ou, pelo menos, será injusta e imprecisa. Sendo certo que ao longo dos séculos, a terra a que hoje chamamos Kosovo foi lar de diversos povos – à semelhança de tantas outras na Europa –, servindo mesmo, não raras vezes, como área tampão entre grupos hostis. A mesma, porém, só veio a alcançar o seu apogeu como centro político e cultural europeu sob o domínio sérvio entre os séculos XII e XIV, no mesmo período, portanto, em que Portugal alcança e consolida a sua independência. Data, desde então, o facto de ser encarada pelos sérvios como verdadeiro berço da sua nação. Não é, assim, de estranhar que a sua manutenção como parte integrante da Sérvia constitua ponto fulcral de todos apelos nacionalistas. A própria designação dos termos Kosovo e Metohija (КОСОВО и МЕТОХИЈА, *Kosovo i Metohija*) deriva das palavras sérvias “kos” (“Kosovo polje” o campo ou planície dos melros) e “metoh” (propriedade da igreja). Palavras etimologicamente sérvias e sem qualquer significado em albanês, embora esta última língua venha promovendo uma “albanização” para “Kosova” que não possui, evidentemente, qualquer significado etimológico.

Importa, sobretudo, antes de quaisquer considerações sobre os recentes acontecimentos político-diplomáticos no Kosovo, da auto-proclamada “independência” em 17 de Fevereiro de 2008, percorrer a sua história e vicissitudes que são, naturalmente, as da nação sérvia a que, indubitavelmente, pertence.

---

<sup>1</sup> É sabido que a tese do berço vimaranense vem sofrendo desde ARMANDO DE ALMEIDA FERNANDES (1992; 1993) a contestação visiense e igualmente já antes TORQUATO DE SOUSA SOARES [1990] defendera o “provável” nascimento na cidade de Coimbra, afirmado logo como indubitável por LUÍS KRUS no mesmo ano.

<sup>2</sup> Este termo surge no século XIX na era pós-Metternich e é devido a AUGUST LUDWIG VON ROCHAU (1810-1873) com a publicação em 1853 da sua obra *Princípios de “Realpolitik”, aplicados às condições políticas da Alemanha (Grundregeln von Realpolitik, angewendet an den politischen Zuständen von Deutschland)*. Não raras vezes nos nossos dias a sua utilização abandona o primordial campo teórico para mergulhar numa concepção muito mais pejorativa, numa acepção quase amoral e coerciva, igualmente vulgarizado como maquiavélico; é um pouco nessa imprecisa acepção que, com a indulgência dos leitores, igualmente aqui o utilizamos.

## O Kosovo pré-Sérvio

Na Ilíria (nome pelo qual a área do Kosovo era conhecida na antiguidade) viveram, entre outros povos, ilírios, trácios e celtas até ao século II, quando Roma concluiu a incorporação da Moesia, que mais tarde se viria a transformar numa das áreas da Jugoslávia, no seu império<sup>3</sup>. No século IV, os eslavos movimentando-se para sul dos Cárpatos atacaram e conquistaram as fortificações romanas dessa área, para apenas dois séculos mais tarde, no século VI, iniciarem o estabelecimento com características permanentes, assegurando ao Kosovo e Metohija uma homogénea população eslava e tornando-as, desde então, indiscutivelmente como regiões etnicamente eslavas.

Tal confirmação, a sofrer contestação, poderia ser amplamente encontrada nos documentos históricos, por exemplo, nas cartas dos governantes sérvios, na análise da antroponímia e mesmo na da antiga toponímia. Todos eles nos remetem, no Kosovo e Metohija, para uma incontestável origem predominantemente eslava, sendo que então os grupos nómadas de criadores de gado albaneses (embora ainda não islamizados) representariam apenas uma percentagem negligenciável de 2% da população, circunscrita às zonas ocidentais da região do Kosovo (confinantes com a actual Albânia) e como se disse sem quaisquer características de fixação permanente.

No século X, as tribos de eslavos da região já se dividiam em três grupos claramente distintos: os croatas, os eslovenos e os sérvios<sup>4</sup>. Data igualmente deste período o início do efectivo domínio sérvio sobre o Kosovo, bem como sobre as demais actuais áreas da Sérvia, Montenegro e Bósnia e Herzegovina. É pouco depois, no século XI, que, entre os eslavos da região, se opera uma outra significativa divisão, enquanto croatas e eslovenos eram cristianizados por Roma, tornando-se cristãos romanos, ou latinos porque Bizâncio sempre reclamou ser a segunda Roma, os sérvios eram-no por Bizâncio, ficando assim na esfera de influência do cristianismo ortodoxo<sup>5</sup>. E foi esta divisão, sempre acompanhada de um inegável desconhecimento do universo “oriental-bizantino” europeu nas áreas ocidentais do continente, que conduziu a um maior desconhecimento e conseqüente “afastamento” da Sérvia.

<sup>3</sup> A respeito da ligação entre a Sérvia e o Império Romano veja-se o interessantíssimo estudo do Embaixador Dusko Lopandic (2009).

<sup>4</sup> Então a Sérvia ainda não constituía um poder unificado, subsistindo pequenos reinos sérvios a norte e oeste do Kosovo, dos quais Ráschia (ou Raška no centro da moderna Sérvia) e Duklja (Montenegro) eram os mais poderosos.

<sup>5</sup> Designa-se como Cisma do Oriente a separação da Igreja Católica Romana e da Igreja Católica Ortodoxa que ocorreu no século XI, embora as profundas divisões culturais e políticas, tivessem sido cultivadas ao longo de vários séculos. De facto, desde a divisão do Império Romano em oriental e ocidental que se constata tensões entre as duas igrejas.

Como tantas outras áreas da Europa, também o Kosovo e as demais áreas controladas pelos sérvios, foram nesta época permanentemente palco de disputas entre poderes que se digladiavam. Assim, até ao século XII, búlgaros e bizantinos disputariam estas terras que, de de 850 a 1018, fizeram parte do Império Búlgaro e desta data até aproximadamente 1093, face ao declínio deste império, integraram o Império Bizantino.

O Kosovo ganharia a sua independência de Bizâncio após as revoltas lideradas pelo príncipe Vukan (da casa de Vojislavljević, os grão-príncipes de Ráschia), quando em 1093 este arrasou Lipljan e saqueou os territórios vizinhos levando a que o próprio Imperador Bizantino, Aleixo I Comneno, se deslocasse a Zvečan (no norte do Kosovo) para negociações. Decorrente das mesmas foi estabelecido um tratado de paz que Vukan logo quebrou derrotando as forças de João Comneno (sobrinho do imperador e seu sucessor). No ano seguinte Aleixo procurava novas negociações de paz que durariam até 1106 quando Vukan de novo derrotou as forças de João Comneno. A sua impetuosidade e consequente total conquista do Kosovo haveriam de ser interrompidas, todavia, pela sua morte cerca de 1113.

Por volta de 1166, um nobre sérvio, Estêvão Nemanja, que fundaria a casa de Nemanjić (um ramo secundogénito da casa de Vojislavljević), ascenderia ao grão-principado de Ráschia, ao derrotar o anterior titular o seu irmão Tihomir, e conquistaria a quase totalidade do Kosovo ao imperador Manuel I Comneno. Uma nova campanha em 1183 concluiria a dominação do Kosovo por Bizâncio, sobre o qual Aleixo II já não governou. Em Março de 1196 abdicaria no seu segundo filho e viria a morrer em 1199.

O seu filho, Estêvão II, procurou garantir que os limites da Sérvia fossem até ao rio Lab. Deve-se a este grão-príncipe a total inclusão do Kosovo nos territórios sob dominação sérvia em 1208, data das conquistas de Prizren e Lipljan que estendem as fronteiras sob seu controle até as montanhas de Šar. Em 1217 viria a ser o primeiro rei sérvio coroado, governando até à sua morte em 1228.

Suceder-lhe-ia o seu filho Estêvão Radoslav, que reinou de 1228 até à sua deposição em 1233 pelo meio-irmão Estêvão Vladislav I que reinaria até 1243. A este sucedeu o irmão mais novo, Estêvão Uroš I até 1276. Após a sua morte subiria ao trono o filho Estêvão Dragutin que reinou até 1282, data em que devido a um acidente que o incapacitou legou o trono ao seu irmão mais novo Estêvão Uroš II Milutin, embora conservasse para si a dignidade de rei de Srem<sup>6</sup> até á sua morte em 1316. Milutin reinaria sobre a Sérvia até 1321, sucedendo-lhe o seu filho Estêvão Uroš III Dečanski que reinou até 1331. Com a sua

---

<sup>6</sup> Este novo Estado teve por capital Debrc (entre Belgrado e Šabac) depois transferida para Belgrado. Srem era nesse tempo a designação de dois territórios: Alto Srem (a actual Srem) e Baixo Srem (a actual Mačva).

morte subiria ao trono o seu filho Estêvão Uroš IV Dušan *Silni* (“O Poderoso”) que como rei governaria até 1346 e que desde então, até 1355, haveria de ser considerado o primeiro imperador dos sérvios e gregos.

Foi assim ao longo de dois séculos que a Sérvia, de grão-principado a império, conseguiu a sua plena independência sob a dinastia de Nemanjic. Governos como os de Estêvão Nemanja (1169-89), Milutin (1282-1321) e Dušan (1331-55) permanecem na história como verdadeiros períodos de ouro da história Sérvia. Durante este período o Kosovo e as terras imediatamente ao seu Norte transformaram-se efectivamente no *heartland* político e cultural dos sérvios. A economia prosperava, em grande medida devido à exploração dos minérios da região, e a sua corte rivalizava em poder e esplendor com as demais monarquias europeias suas contemporâneas. De igual modo, no domínio arquitectónico e artístico o período Nemanjic é verdadeiramente notável atingindo patamares cimeiros no seio da arte pré-renascentista do seu tempo. Inúmeros frescos em mosteiros, como por exemplo os de Gracanica, Decani, Bogorodica Ljeviska e Pec, no Kosovo, integram, indiscutivelmente, o que de melhor então se produzia na cristandade.

Após a prematura morte do rei Dušan com quarenta e oito anos (1355), provavelmente envenenado por partidários húngaros, e com a subida ao trono do seu filho Estêvão Uroš V *Nejaki* (“O Fraco”), iniciou-se, para o império da Sérvia, um período de provações caracterizado pela secessão de diversos territórios e um conseqüente e significativo enfraquecimento do poder central, logo visível no período deste imperador até 1371.

A história de Bizâncio haveria, naturalmente, de interferir de modo directo na história da Sérvia. Na realidade, após a guerra civil bizantina de 1341-1347, que Bizâncio não era mais do que um império nominal (Laiou 2002: 26). Extensas áreas de território perdidas para os otomanos (que haviam actuado como mercenários contratados na guerra por João VI Kantakouzenos), recursos esgotados e um território profundamente devastado haviam mudado, de modo permanente, o mapa da Europa naquela área e trazido um dado novo que mudaria, até aos nossos dias, o curso da Europa: o estabelecimento do islão em territórios europeus (Reinert 2002: 268).

As autoridades ocupantes otomanas não possuíam qualquer dúvida de que a Sérvia era então o único poder organizado que podia inspirar algum receio na região. Constantemente acossados por fronteiras turcos, o reino da Sérvia e particularmente o Kosovo tornaram-se, assim, palco de conflitualidade constante. Em 26 de Setembro de 1371 na batalha de Maritsa (nas proximidades de Ormenio, actualmente na Grécia) o rei Vukašin Mrnjavčević, que sucedera a Estêvão Uroš V como rei da Sérvia, era morto. Ante as enormes dificuldades e privações por que a Sérvia então passou, logrou encontrar na igreja ortodoxa o sólido e necessário apoio para a sucessão do hábil e talentoso príncipe Lazar.

Não obstante uma eficaz política de resolução de problemas com a igreja bizantina e de estáveis alianças com os reinos vizinhos o reino da Sérvia foi incapaz de fazer face eficazmente à expansão otomana que progressivamente se intensificava, tornando claro para Lazar que uma batalha decisiva se aproximava.

Longos e cuidados preparativos se iniciam de parte a parte o que atesta a importância dada ao conflito que viria a ser pessoalmente comandado pelo sultão otomano Murat I e pelo príncipe sérvio Lazar. Em 28 de Junho de 1389 travava-se a batalha do Campo dos Melros (*Kosovo Polje*, nas planícies a oeste do que é hoje Pristina), onde se confrontaram uma coalizão de povos cristãos da região (entre os quais ainda se encontravam então os albaneses) e o exército otomano que excedia em mais do dobro os efectivos que o defrontavam. Porém, na realidade, estamos eventualmente perante a primeira tentativa, ainda que difusa, de uma unidade balcânica embora, evidentemente, com o exclusivo propósito de rechaçar o inimigo comum. Como escreveu Schevill, “na grande planície interior do Kosovo, como um anfiteatro entre as montanhas, as hostes da cruz e do crescente encontraram-se para decidir o destino da península” (1995: 184).

Embora consciente de que as hipóteses de vitória contra os turcos eram diminutas na véspera da batalha o príncipe Lazar reuniu os seus guerreiros e questionou-os se deveriam combater ou render-se ao invasor vivendo o resto das suas vidas como escravos dos muçulmanos. A escolha era pois, exclusivamente, entre uma gloriosa morte em combate e a promessa do reino celestial ou a de uma vida de ignóbil escravatura. O ímpeto sérvio fez-se sentir no início da batalha durante o qual o mais famoso herói da mesma, Miloš Obilić, logrou matar o sultão Murat I, todavia o avassalador poder otomano era impossível de sustentar e os sérvios e seus aliados eram rechaçados. Lazar capturado vivo foi imediatamente decapitado.

É esta a batalha, que marcou o fim dos dias de glória da Sérvia e o começo de séculos de privação e esforço contra vizinhos que sempre a pretenderam desmembrar. Porém, apesar de uma derrota nenhuma outra data na história é tão cara aos sérvios como a da épica batalha do Kosovo de 1389. Na realidade, e na prática, o sucessor de Murat I, Bayezid I, não logrou destruir completamente o Estado sérvio, unindo-se mesmo matrimonialmente com a filha do derrotado Lazar, Olivera Despina, e contentando-se com uma submissão formal de um governante nativo, Stefan Lazarević irmão da sua mulher, fiel e obediente vassalo dos vencedores.

Mas uma vez mais na história o “Campo dos Melros” seria palco de uma importante batalha. Aí, no Outono de 1448 os turcos esmagaram o comandante militar húngaro, Janos Hunyadi, líder de uma coligação anti-turca, pois uma vez mais o inimigo comum motivava a união de povos de matriz religiosa comum. Finalmente em 1455 os turcos submetteriam essas terras.

Não se tratou, porém, de uma vitória conclusiva, de ocupação e, na realidade, preocupado com a ameaça mongol a leste o império otomano não avançou

permitindo ainda cerca de setenta anos de uma certa independência à Sérvia, no período de governo dos déspotas de Estêvão Lazarević e Djuradj Branković quando, em 1459, a Sérvia cai na posse dos turcos após a conquista da fortaleza de Smederevo (45 quilómetros a sudeste de Belgrado<sup>7</sup>), então capital do país.

Nos 250 anos seguintes as áreas que hoje constituem o Kosovo, a Macedónia (1389), a Bósnia (1463), a Herzegovina (1481) e a Sérvia (Belgrado caiu finalmente na mão dos turcos em 1521), foram progressivamente integradas no Império Otomano<sup>8</sup>. Importa referir que, neste período inicial de domínio otomano, a grande maioria dos albaneses era ainda cristã e a convivência entre albaneses e sérvios harmónica, o que demonstra que as questões étnicas não eram determinantes e que tal não alterara a característica profundamente Sérvia da região<sup>9</sup>. Mas progressivamente os albaneses começariam a converter-se ao islamismo, o que não aconteceu com os sérvios solidamente ancorados na igreja ortodoxa que possuía inúmeros mosteiros e seminários no Kosovo, pátria, aliás, da igreja ortodoxa Sérvia<sup>10</sup>. Uma insolúvel questão religiosa, ou quanto muito étnico-religiosa, começa a emergir. As autoridades ocupantes proibiam a construção de novas igrejas declarando, outrossim, o simples repicar de sinos como algo fora da lei. Era-lhes retirada a completa liberdade, e orgulho nela inerente, e sempre que a segurança do estado otomano o requeria eram simplesmente forçados à conversão. Todos os quatro anos era organizada uma leva dos mais robustos rapazes, roubados às suas famílias, para serem treinados como janízaros<sup>11</sup>.

<sup>7</sup> Belgrado, então sob domínio húngaro, ainda resistiria a um importante cerco em 1456 (numa coalizão de forças sérvias, húngaras e mesmo de cruzados ocidentais).

<sup>8</sup> Não obstante apontarmos, devido ao âmbito deste estudo, a progressão nos Balcãs, importa recordar que o avanço turco não se confinou a essa área ameaçando também a Europa ocidental. Recordem-se o ataque a Otranto (sul de Itália) em 1480; os ataques à zona de Veneza e Vicenza entre 1499-1503, a captura de Rodes em 1522, a destruição das forças de Luís II da Hungria na batalha de Mohács com ocupação de vastas áreas do seu território, o cerco de Viena em 1529 e o cerco de Malta em 1565 entre muitos outros episódios de menor importância.

<sup>9</sup> Embora a invasão turca tenha movimentado grandes massas étnicas para os Balcãs, no decurso do século XVI, de acordo com os dados turcos, os cristãos eram a esmagadora maioria da população e os sérvios representavam 97% do total.

<sup>10</sup> A Igreja Ortodoxa da Sérvia é uma Igreja Ortodoxa Autocéfala. O chefe desta Igreja recebe o título de Arcebispo de Peae, Metropolitana de Belgrado-Karlovcí e Patriarca da Sérvia, possuindo actualmente residência em Belgrado. Desde 1346 que possui o título de Patriarca, sendo a sexta em antiguidade (após as de Constantinopla, Alexandria, Antioquia, Jerusalém e Rússia) entre as igrejas ortodoxas.

<sup>11</sup> Da expressão turca *Yeniçeri*, “novo soldado”, tropa de elite existente de cerca de 1365 a 1826. Era exclusivamente constituída por crianças cristãs raptadas nos territórios conquistados pelos turcos, num sistema designado por *Devşirme*, ou seja a conscrição forçada de crianças cristãs convertidas ao islão e teinadas nas artes militares, tal sistema visava humilhar as sociedades não muçulmanas controladas pelos otomanos. Com o crescimento das fronteiras do seu império esta medida abrangeu arménios, bósnios, búlgaros, croatas, polacos, romenos, russos, sérvios, ucranianos e mesmo negros africanos.

De facto, mesmo nos anos que possam ser classificados como tranquilos a conquista turca era indiscutivelmente uma experiência agreste.

Mas não obstante a sua expansão, as ameaças ao Império Otomano eram constantes, quer a leste, quer a ocidente por parte do Império dos Habsburgos, que nos Balcãs controlava as áreas da Croácia, da Eslovénia e da Vojvodina. No decurso da guerra Habsburgo-Otomana (1683-1699), com a derrota das forças turcas nas imediações de Viena (1683) o príncipe Luís de Baden avançou até ao Kosovo, permitindo uma ofensiva Sérvia contra os turcos. Todavia um novo esforço otomano, sob o vizir Mustafá Koprulu, não apenas reconquistou o território como implementou um verdadeiro clima de terror e escravatura que levou à fuga de milhares de sérvios que, com o seu patriarca Arsénio III Carnojevic, migraram para a Hungria.

Para estes refugiados o imperador Leopoldo I do Sacro Império promulgou mesmo uma denominada “Carta de Convite” (1690) prometendo o respeito pela religião ortodoxa, garantido o direito de manutenção do seu patriarca, Arsénio III, e estabelecendo na Krajina uma pátria para os sérvios, cerca de 30.000 famílias (num total de aproximadamente 70.000 pessoas) que fugiam à brutal repressão turca (Karpat 2002: 758). Dessa repressão resultaram enormes vagas de sérvios que abandonaram sobretudo o Kosovo em 1690 e 1738, num processo que ficou vulgarmente conhecido como “a grande migração”. Tal foi determinante para que o Kosovo, até então maioritariamente sérvio, tenha ficado quase despojado e alvo de uma rápida ocupação por albaneses, agora já maioritariamente convertidos ao islão, e que controlavam a quase totalidade da Metohija. Ocupação estratégica, com intuítos claros, promovida pelas autoridades otomanas. O *heartland* sérvio era forçado a mover-se para norte, para a região de Belgrado, que assim assume o papel de destaque que ocupa na ulterior história da Sérvia.

Nos territórios ocupados e desde então que cristãos e judeus sérvios, como “povos do livro”, se tornaram “dhimmis”, todos os sujeitos à “dhimma”<sup>12</sup> ou “protecção” oferecida aos cristãos e judeus nas terras conquistadas pelo Islão em troca das suas vidas. Não obstante algumas tentativas de rebelião, como por exemplo a protagonizada em 1804 (que durou até 1813) por intermédio de Karadjordje, conhecida como o Primeiro Levantamento Sérvio<sup>13</sup> e que rapidamente se transformou numa heróica rebelião nacional.

---

<sup>12</sup> O estatuto de “dhimmi” data do século VIII quando os judeus no oásis de Khaybar (Arábia) aceitaram o acordo oferecido por Maomé. Em troca das suas vidas os judeus negociaram a posse das suas terras, ficaram obrigados a defender os muçulmanos em negócios, sob os termos dos preceitos legais da “Shari’a”, e sujeitos ao pagamento de pesados impostos aos seus conquistadores muçulmanos. Foi este tratado que serviu de modelo ao que foi comumente implementado até meados do século XIX.

<sup>13</sup> A repressão turca foi, não raros casos, brutal. Por exemplo no sudeste da Sérvia em Nis os turcos decapitaram as tropas de um líder local e construíram uma torre com os crânios dos resistentes sérvios (STILLMAN 1964: 47).

A questão da autonomia da Sérvia, após longo calvário otomano, surge com o tratado de paz de Bucareste, de 28 de Maio de 1812, que pôs termo à guerra russo-turca (1806-1812) e pela qual a Rússia veio a obter a cedência da Bessarábia (correspondente à metade oriental da actual Moldávia), mas a Rússia suspendeu de imediato o apoio aos rebeldes sérvios e Belgrado era retomada pelos turcos em 1813. E não seria esta a última vez que os russos abandonariam as aspirações sérvias. Após o Segundo Levantamento Sérvio de 1815-1817, e até 1830, a Sérvia adquire progressivamente alguma autonomia mas apenas num estatuto de principado. Assim, em 30 de Outubro de 1830, o sultão Mahamoud II e a Sublime Porta<sup>14</sup> reconheciam Milos como príncipe hereditário sob soberania turca.

Mas a autonomia seria, de facto, obtida passo a passo e sem grandes mudanças violentas, consentânea, aliás, com um novo modelo europeu advindo do Congresso de Viena e das concepções de Metternich. Em 1835 é escrita a primeira constituição balcânica, a do Principado da Sérvia, estipulando a existência de um parlamento permanente e estabelecendo a dinastia Obrenović como legítima herdeira do trono sérvio. Em 1848 num movimento que ficou conhecido como “Primavera das Nações” as áreas populacionais sérvias no seio do Império Habsburgo revoltam-se proclamando uma Vojvodina autónoma no seio do império. A rebelião terá o seu epílogo através de esforços diplomáticos levados a cabo em Viena de acordo com os quais, em Novembro do ano seguinte, se acordava na criação de uma província autónoma designada Vojvodina da Sérvia e Tamiš Banat (embora viesse a ser abolida pouco depois em 1860 e esses territórios reintegrados no reino da Hungria). Em 1867 a Sérvia adquiria a sua independência *de facto*, com o abandono do seu território pelas tropas otomanas a tal pressionadas pela Grã-Bretanha e pela França.

Na última metade do século XIX, os sérvios começaram a procurar reocupar as suas terras perdidas e a abertura de um seminário em Prizren em 1871, contribuiria para o fortalecimento da presença Sérvia de novo no Kosovo. Também a derrota dos otomanos na guerra russo-otomana em 1878 concorreu para tal objectivo. Pelos termos do acordo de paz, o tratado de Santo Estêvão (hoje Yeşilköy, uma localidade a oeste de Istambul), aumentava a extensão da Bulgária para ocidente e assegurava-se a independência *de jure* da Sérvia com o controlo de Mitrovica e Pristina no Kosovo, permanecendo ainda as restantes terras em mãos otomanas. A resposta otomana, num derradeiro esforço de controlar a expansão Sérvia, consistiu em incentivar mais e mais albaneses a estabelecerem-se no Kosovo. Fruto desta política turca Pristina transformava-se

<sup>14</sup> Era a designação pela qual, entre 1718 e 1922, era conhecido o governo do Império Otomano. O termo é uma tradução da expressão turca que significa *grande portão* ou *portão principal* e que era dada ao monumental portão de entrada no palácio da corte imperial.

numa verdadeira central de transporte de albaneses e Prizren no local de nascimento do primeiro movimento nacionalista albanês organizado – a Liga Albanesa de Prizren, em 1878. Crescentemente os proprietários muçulmanos procuravam o apoio do sultão que via neles um meio para a disseminação dos ideais pan-islâmicos com que pretendia contrariar os intentos cristãos e do pan-eslavismo. Mas com a perda de influência do império a Liga caminhava cada vez mais para a autonomia e para um assumido anti-cristianismo, o que provocava grande ansiedade entre os albaneses cristãos mas sobretudo nos sérvios. As autoridades muçulmanas defendiam, então, o que, pelos padrões actuais, se consideraria como mera “limpeza étnica”. E os sérvios, uma vez mais, migravam para norte.

Em 1878, porém, no congresso de Berlim, os poderes ocidentais em reacção ao crescente interesse russo nos Balcãs obrigaram a Rússia a acatar uma nova arquitectura de paz. A dimensão da Bulgária era significativamente reduzida e eram devolvidas ao Império Otomano as terras habitadas maioritariamente por albaneses. Muitos sérvios foram expulsos do Kosovo e as tropas sérvias forçadas a retirar. Uma vez mais os interesses políticos traíam a realidade histórica, cultural e civilizacional.

Apesar da Sérvia ter adquirido a sua independência de facto no século XIX, como resultado do tratado de Santo Estêvão de 1878, a reconquista do seu território do Kosovo só se verificou na sequência das duas guerras balcânicas de 1912 e 1913 que opuseram a Liga Balcânica, organizada pela Sérvia e pela Bulgária, em 13 de Março de 1912, e à qual se juntariam a Grécia (em Maio) e o Montenegro (em Agosto), ao Império Otomano. A diplomacia russa tentou, ainda impedir a confrontação – atenta à delicada situação internacional – dissuadindo a Liga de agir contra a Turquia, mas a pretexto do início da guerra italo-turca, a Liga declarava guerra a 18 de Outubro de 1912.

Eclodia, então, a primeira guerra balcânica, e rapidamente a Liga, após a vitória búlgara de Lüleburgaz (2 de Novembro), em que os turcos foram obrigados a recuar para as posições defensivas de Constantinopla e a ofensiva sérvia comandada pelo general Radomir Putnik, com ataques a Veles e Stip e a vitória de Kumanovo, que conduziria a 9 de Novembro à entrada em Salónica e à ocupação de Monastir, obtinha significativos sucessos. A ofensiva permitia a captura da Albânia, da Macedónia e de parte da Trácia<sup>15</sup>, até então subjugadas pelos otomanos. As derrotas turcas sucediam-se e o seu governo solicitaria em Novembro a mediação das potências europeias.

O Kosovo era então, fruto de uma intencional política otomana de colonização, maioritariamente habitado por albaneses e a ocupação do território pelos

---

<sup>15</sup> Historicamente conhecia-se como Trácia a extremidade do continente europeu, separada da Ásia pelo Mar de Mármara, onde fica, conseqüentemente, a cidade de Constantinopla/Istambul, a única pequena porção de território europeu da actual Turquia.

sérvios levou a que os albaneses se retirassem para as montanhas de onde opuseram feroz resistência armada verificando-se grande destruição e saque, tendo a Sérvia que lutar resolutamente para assegurar a posse das terras libertadas do Kosovo e Metohija. Os camponeses sérvios que seguiam as suas forças iam-se instalando e com a derrota albanesa o Kosovo passou para a autoridade da Sérvia, vindo tal situação a ser internacionalmente reconhecida pelo tratado de Londres de 17 de Maio de 1913.

No Kosovo, de população maioritariamente albanesa, um sentimento anti-sérvio crescia. Mas o governo sérvio não estava disposto a ceder sob pressões na questão do Kosovo e Metohija. No memorando entregue aos poderes europeus em 21 de Janeiro de 1913 declarava: “Não há governo Montenegrino ou Sérvio que ceda ou pudesse ceder aos albaneses, ou a quaisquer outros, esta «Terra Sagrada» da nação Sérvia”, relativamente a essa questão “o povo sérvio não quer e não pode fazer quaisquer concessões, transacções ou compromissos, nenhum governo Sérvio faria tal coisa” (Baudson 1996).

É nesta altura que a Albânia se proclamava independente em 28 de Novembro de 1912, embora mantendo constante disputa de fronteiras com os seus vizinhos até 1926<sup>16</sup>. Para tal independência concorria o manifesto interesse da Áustria-Hungria e da Itália, embora com o assentimento da Inglaterra, França e Rússia.

Mas após a vitória contra o inimigo comum, rapidamente as dissensões entre os recém-membros da Liga vieram à tona. Em Maio/Junho de 1913 a Sérvia e a Grécia celebravam um tratado de defesa mútua contra ataque (búlgaro ou austro-húngaro), de apoio diplomático e de ratificação de fronteiras. A 16 de Junho de 1913, o imperador Fernando I da Bulgária e o general Savoy, sem consultarem o respectivo governo, declaravam guerra à Grécia e à Sérvia, no dia seguinte o exército sérvio era atacado em Gevgelija e o grego em Nígrita. A segunda guerra balcânica começara. Todavia, embora com maior dificuldade para sérvios do que para gregos as forças búlgaras eram derrotadas tendo-lhes sido oferecido um cessar-fogo que aceitaram devido à ameaça romena e turca nas suas fronteiras. Na realidade, estes países vendo a situação da Bulgária haviam-se decidido a entrar no conflito. A Sérvia, após este conflito adquiria a maior parte da Macedónia eslava, quase duplicando o seu território e assumindo o papel de um grande Estado danubiano capaz de rivalizar em poder com a Áustria-Hungria, e os turcos, grandes perdedores da primeira guerra, logravam reconquistar a Trácia oriental. Porém, independentemente de

---

<sup>16</sup> Esta fronteira separou cerca de meio milhão de albaneses no Kosovo e Macedónia daquilo que consideravam ser a sua “pátria”. Entre 1926 e 1941 alguns dos “kosovares” (albaneses do Kosovo) terão emigrado para a Albânia e Turquia na sequência do regresso dos Sérvios.

ganhos ou perdas territoriais as duas guerras balcânicas representaram sobretudo o fim do domínio político turco sobre os povos eslavos da península.

As guerras balcânicas foram, assim, um importante precursor da Grande Guerra na medida em que várias potências, entre elas a Áustria-Hungria e a Alemanha, começaram a preocupar-se com o aumento territorial da Sérvia e seu poder regional ao mesmo tempo que a encaravam como um mero satélite da Rússia. A contenção do poder da Sérvia passava então a ser uma preocupação dos poderes centrais.

A Primeira Guerra Mundial, iniciou-se, de facto, na Península Balcânica, quando em Junho de 1914 o nacionalista sérvio Gavrilo Princip assassinou o arquiduque Francisco Fernando em Sarajevo. Tal acto mudaria o mundo, a Europa e muito naturalmente os Balcãs. Na sequência do ultimato da Áustria-Hungria à Sérvia os acontecimentos precipitaram-se. Apoiado pela Alemanha o Império declara guerra à Sérvia, a Rússia entra no conflito em apoio aos irmãos eslavos da Sérvia e a França e a Inglaterra devido às alianças que possuíam. A declaração de guerra é, por motivos compreensíveis, efusivamente saudada na Albânia, e pelos mesmos motivos, os albaneses são encarados pelos sérvios como inimigos. Motivos suficientes para que uma guerrilha sangrenta, de parte a parte, eclodisse de imediato entre sérvios e albaneses.

Em 1915, de acordo com o pacto secreto de Londres<sup>17</sup>, as tropas austro-húngaras e búlgaras avançaram pelo Kosovo, derrotando os exércitos sérvios e obrigando-os à retirada. Aquela que é conhecida como a “grande retirada Sérvia” pelas montanhas nevadas da Albânia e pelo Kosovo terá deixado um rasto de 100.000 mortos sérvios uma vez que a população acompanhou a movimentação do seu exército. O Kosovo foi ocupado pelos exércitos austro-húngaros e búlgaros aos quais se juntaram numerosos albaneses. No território floresceram as escolas de língua albanesa, que possuíam como principal objectivo minar a presença sérvia. Porém, quando os ventos da guerra se viraram contra a Áustria-Hungria era chegada a vez da vingança por parte do exército sérvio, embora continuasse a guerrilha albanesa.

Em 1918, na sequência dos tratados de paz que terminaram a Primeira Grande Guerra, era criado o reino unido dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (que englobava também a Bósnia e Herzegovina, o Montenegro e a Macedónia) e que presenciou um significativo aumento da população sérvia na região. Nesse reino o Kosovo era repartido em quatro regiões, três pertencentes à Sérvia: Zvečan, Kosovo e a Metohija do Sul e uma pertencente ao Montenegro, a Metohija do Norte. Em 1929 o rei Alexandre da Sérvia assume o poder absoluto e altera a designação do reino para Jugoslávia, a terra dos eslavos do Sul. O novo reino,

---

<sup>17</sup> Que previa a divisão da Albânia entre a Grécia e a Itália, com apenas uma estreita faixa de território que preservaria a autonomia no centro do país.

com uma população de cerca de 12 milhões de pessoas, dos quais cerca de 400.000 albaneses, era maioritariamente eslavo, equação que se alterava no Kosovo em que 64% da população era albanesa e dessa cerca de  $\frac{3}{4}$  de fé muçulmana.

Estavam claramente lançadas mais uma vez as sementes de um conflito étnico-religioso que a curto prazo germinaria. As hostilidades entre sérvios e albaneses acenderam-se e logo em 1921 os “kosovares” apresentavam queixa junto da Liga das Nações no sentido de se obter a junção do Kosovo à Albânia, alegando que, desde 1918, 12.000 albaneses haviam sido mortos e 22.000 aprisionados. A verdade é que o movimento armado Kachak, que almejava a unificação com a Albânia, se desenvolvia e era visto pelos sérvios como um movimento subversivo e fora-da-lei. Se os albaneses se haviam apropriado ilegitimamente da terra era chegada a hora de os encorajar a abandoná-la. Porém, tais tentativas falharam porquanto em 1931 a população albanesa permanecia nos 63%.

Neste novo reino o Kosovo foi dividido entre Zeta Banovina a leste com capital em Cetinje, Vardar Banovina no sudeste com capital em Skopje e Morava Banovina a nordeste com capital em Niš. É neste período que o governo jugoslavo tenta retirar a população albanesa do Kosovo e Macedónia enviando-os para a Turquia e Albânia e procedendo a uma tentativa reinstalação com sérvios. Em 7 de Março de 1937, dando voz a tais anseios, um memorando da autoria de um membro da Academia Sérvia, o Dr. Vaso Čubrilović, intitulado *Expulsão dos Albaneses*, era apresentado ao governo em Belgrado.

Durante a Segunda Guerra Mundial com a partição da Jugoslávia pelos poderes do Eixo a área do Kosovo foi maioritariamente cair na zona da “Grande Albânia” (constituída pela Albânia, Kosovo e Macedónia ocidental e à qual Mussolini nos seus discursos se referia como “Império da Albânia”) controlada pela Itália, cabendo uma pequena parte do território (a de maior importância em termos de mineração) à área de ocupação alemã da “Grande Bulgária”. Durante a ocupação milhares de sérvios do Kosovo foram aterrorizados e expulsos por grupos albaneses armados (quer devido à conivência ou simplesmente à inépcia das autoridades de ocupação italianas), nomeadamente pela Milícia Vulnetari. Não é conhecido o número exacto mas fontes sérvias referem entre 10.000 e 40.000 mortos e 70.000 a 100.000 expulsos. Nos lares sérvios abandonados instalava-se uma nova vaga de ocupação albanesa que viria a desequilibrar, ainda mais, a balança demográfica a favor da Albânia. O primeiro censo no pós-guerra (1948) fornece-nos já um total de 199.961 sérvio-montenegrinos para 498.242 de albaneses, ou seja cerca de 71,4% da população.

Após a guerra, com a fundação do regime comunista da República Popular e Federal da Jugoslávia<sup>18</sup> com Tito como primeiro-ministro, o estatuto do

<sup>18</sup> Em 1963 na terceira constituição do pós-guerra a designação do país é alterada para República Socialista e Federal da Jugoslávia, esta realidade política integrava as repúblicas da Bósnia e Herzegovina, da Croácia, da Eslovénia, da Macedónia, do Montenegro e da Sérvia.

Kosovo no seio da federação transformou-se num assunto a resolver, embora em 1946 lhe tenha sido concedido o estatuto de região autónoma da Sérvia. Num esforço para reduzir o desequilíbrio étnico dentro de Kosovo, o governo da nova república, procurou em vão seduzir sérvios a migrar para estas áreas, oferecendo, nomeadamente, aos veteranos de guerra benefícios se o fizessem. As políticas governamentais no Kosovo passaram a oscilar entre as que visavam suprimir o nacionalismo albanês e as que buscavam o apaziguamento e a assimilação. Chegando-se mesmo, neste sentido, a proibir o regresso dos refugiados (de 1941 a 1945) da região o que, naturalmente, mais acentuou desfavoravelmente a balança demográfica. Porém, os anseios “kosovares” no sentido de obterem um estatuto de república no seio da federação eram constantes. Não obstante, em 1963, na terceira constituição do pós-guerra vigorava apenas o estatuto de província autónoma.

Em 1971 fruto de uma espantosa explosão demográfica a população albanesa do Kosovo duplicou. De acordo com o censo oficial jugoslavo para esse ano viviam no Kosovo 916.168 albaneses ao passo que a população sérvio-montenegrina ascendia apenas a 259.819, ou seja os albaneses constituíam já 77,9% da população.

Fruto de uma nova constituição o estatuto da província foi alterado em 21 de Fevereiro de 1974. Numa trágica decisão das autoridades do país a província passa a constituir uma entidade autónoma no seio da República Federal da Sérvia, passando o governo a adoptar o *curriculum* albanês nas escolas do Kosovo, mesmo com recurso a obsoletos livros de textos de Albânia comunista de Enver Hoxha. Indiscutivelmente ligada a esta opção, de aproximação a uma Albânia completamente isolada e estagnada no tempo, o Kosovo apresentava um fraquíssimo nível crescimento económico, no seio de uma Jugoslávia que, em não raros aspectos, constituía um paradigma de crescimento para lá da “Cortina de Ferro”. De referir que esta decisão política foi absolutamente estranha, se o Kosovo desfrutava de autonomia no seio da República Sérvia, sendo parte desta, possuía, por outro lado representação directa nos órgãos do Estado. Todavia, como autonomias e não Estados, em termos constitucionais a situação era bem diversa, porquanto às autonomias, contrariamente aos Estados, não era reconhecida a possibilidade à secessão, possibilidade constitucional garantida pela lei aos “povos” da Jugoslávia<sup>19</sup>.

É indiscutível que tal atraso conduziu a que muitos sérvios, tal como aliás muitos “kosovares”, abandonassem a província devido à escassez de oportuni-

---

<sup>19</sup> Convirá referir, para desfazer eventuais equívocos, que na estrutura constitucional jugoslava albaneses e húngaros não eram considerados “povos” ou nações da Jugoslávia mas, tão-somente, “minorias nacionais” pela razão do seu Estado-mãe ser externo ao território nacional.

dades económicas e laborais. O Kosovo tornava-se, fruto de uma política desastrosada, na mais atrasada das regiões da Jugoslávia. O fluxo de sérvios para fora do Kosovo continuou nos anos 80 e de acordo com as estatísticas oficiais, entre 1961 e 1987 mais de 100.000 Sérvios deixaram o Kosovo, reduzindo, ainda mais, a expressão demográfica sérvia naquele território.

Em 1980, na sequência da morte de Tito (4 de Maio) a população predominantemente albanesa do Kosovo iniciou manifestações tendentes a forçar o enfraquecido governo jugoslavo ao reconhecimento da província como uma república federal em pé de igualdade com as seis outras existentes, aumentando paralelamente a violência contra as comunidades sérvias. Na Primavera de 1981, actos de desordem civil e de sabotagem económica, conduzidos maioritariamente por estudantes pró-albaneses da Universidade de Pristina, aumentavam de considerável intensidade. Os manifestantes chamavam a público os temas da “discriminação” e da falta de liberdade como razões do descontentamento, embora cada vez mais se venha insistindo no sentimento de frustração experimentado, por parte da “elite” formada, devido a não ser possível obter empregos compatíveis no Kosovo como principal razão do descontentamento. Em 1979 o rendimento *per capita* da região era de somente 795 dólares contra os 2.635 da média nacional.

Como resultado de tal clima de verdadeira desordem civil o governo nacional, isolou o Kosovo enviando a milícia com o objectivo de restaurar a ordem ao mesmo tempo que encerrava as instituições de ensino superior. O estado de emergência foi decretado e verificou-se a ocupação do território pelo Exército Popular Jugoslavo.

A partir de então as tensões inter-étnicas tornam-se o quotidiano do Kosovo aumentando progressivamente de gravidade ao longo dos anos 80. No final da década, em 28 de Junho de 1989, Slobodan Milosevic, o então Presidente da Sérvia, num discurso comemorativo do 600.<sup>o</sup> aniversário da Batalha do Kosovo (conhecido como discurso Gazimestan), elucidava quanto ao novo caminho que a Sérvia pretendia para o seu Kosovo e que quebrava com a prévia tendência autonomista. *Ninguém deve ficar surpreendido de a Sérvia ter erguido a sua cabeça este Verão por causa do Kosovo. O Kosovo é o centro da sua história, cultura e memória. Todas as nações possuem um amor que lhes aquece o coração. O da Sérvia é o Kosovo. (...) Há seis séculos a Sérvia defendeu-se heroicamente nos campos do Kosovo, defendendo igualmente a Europa. A Sérvia foi então o bastião que defendeu a cultura e a religião e a sociedade europeia em geral*<sup>20</sup>.

A autonomia dos “kosovares” via-se reduzida e procurava-se a afirmação de valores sérvios o que, por aqueles, foi considerada como opressão cultural e étnica. Os “kosovares” responderam com o aumento de movimentos separatistas

<sup>20</sup> Tradução do autor a partir de [http://en.wikisource.org/wiki/Gazimestan\\_speech](http://en.wikisource.org/wiki/Gazimestan_speech)

baseados na desobediência civil e na criação de um complexo universo de estruturas paralelas tendentes à independência do território. Em 2 de Julho de 1990 o auto-proclamado parlamento do Kosovo declarava a independência da “República do Kosovo”, era a secessão relativamente ao território a que pertenciam. Em Maio de 1992, Ibrahim Rugova era eleito “presidente”. Em Fevereiro de 1996 o “Exército de Libertação do Kosovo” iniciava os seus ataques terroristas<sup>21</sup>. De referir que, até à extinção dessa “República”, em 2000, a mesma foi exclusivamente reconhecida pela Albânia.

Após a guerra de agressão da OTAN contra a Jugoslávia, com o bombardeamento de populações e alvos civis, pela primeira vez na Europa após a Segunda Guerra Mundial, de 22 de Março a 11 de Junho de 1999, que envolveu a totalidade dos membros daquela aliança, que de defensiva se transformou em agressora de um Estado europeu soberano, e que possuía como objectivo declarado a saída dos sérvios de um território legal e historicamente seu, que o destino do território estava fadado pela cartilha dos vencedores.

Obrigados a ultrajantes condições de paz os derrotados viram em 2000 as suas instituições serem substituídas pela Estrutura Administrativa Conjunta (*Joint Interim Administrative Structure*) da Missão de Administração Interina das Nações Unidas no Kosovo (*United Nations Interim Administration Mission in Kosovo* ou UNMIK), dando início ao controle do território por forças das Nações Unidas. Controle esse que, sempre privilegiou albaneses, e criou uma concepção maniqueísta entre “bons” e “maus”, que contagiou a “opinião pública” internacional. Eleitos como a personificação do mal, aos sérvios pouco mais restou que assumir os custos da derrota e que todo o mal nos Balcãs fora, efectivamente, da sua responsabilidade. Subjugados, desmembrados e obrigados a ultrajantes condições para uma hipotética adesão à União Europeia, a orgulhosa nação sérvia prostrou-se, foi forçada a ceder no essencial e assumiu, sublinha-se, o mal universal balcânico acatando iníquas decisões de uma justiça penal internacional que apenas consegue ver massacres e criminosos num dos lados da guerra...

Percorrido este bosquejo histórico e respondendo à citação com que iniciámos este trabalho, poderemos dizer que o Kosovo foi continuamente alvo daquela que era a prática comum nas terras cristãs conquistadas: a experiência do domínio estrangeiro através do legado de violência como elemento de coesão e do poder. Não é sequer estranho que, quando o império turco passou o seu vértice de poder, por volta dos séculos XVII e XVIII, as condições dos povos

---

<sup>21</sup> Desde então que o “Exército de Libertação do Kosovo” foi visto como uma organização separatista e terrorista pelas autoridades jugoslavas e como combatentes da liberdade pelos albaneses. Igualmente considerados como terroristas pelo Departamento de Estado dos EUA desde 1998.

sujeitos ainda mais se acentuassem negativamente, sendo nestes momentos de maior atraso que se vincou um secular provérbio regional, “onde o turco pisa, nenhuma erva cresce”. Legitimar a actual “especificidade” étnico-religiosa do Kosovo, território subordinado durante séculos ao domínio, à limpeza étnica e ao genocídio (físico, cultural e religioso), é prestar o maior tributo à violência e à sua aceitação como caminho para o futuro das relações internacionais. A história do Kosovo, da sua repressão, é muito anterior àquela que os “media” nos vendem, não é uma realidade do século XX (e mesmo nesse muito de diferente haveria a referir em abono da objectividade histórica) nem possui como principais verdugos aqueles que nos são apresentados.

Com total acesso e impunidade ao uso indiscriminado da violência quantas especificidades como as do Kosovo, não seriam ou serão possíveis no futuro? Teria sido esse, seguramente, o destino de Timor com mais alguns anos de domínio indonésio...

Importa pois questionar: será este o caminho, o precedente, que a Nova Ordem Mundial pretende para os povos? Serão estas as condições que legitimam a justa (quando é o caso) auto-determinação? Será a arrogância de ignorar a história e da legitimação de emergentes projectos de hegemonia local (chamem-se eles “Grande Albânia” – não esqueçamos as imagens no momento das comemorações da auto-proclamação da “independência” onde apenas se viram bandeiras albanesas – ou criação de Estados-fantoches) o caminho a seguir? Será o absoluto e total desprezo, nestes tempos de uma cada vez maior ditadura do “politicamente correcto”, pela coragem, resistência e ocupação ao invasor o caminho que a Europa pretende? Será, por fim, a promoção de agentes da presença islâmica na Europa (cada vez mais complexa de gerir), a melhor panaceia para os conturbados Balcãs e para a Europa? Infelizmente, estamos certos que a resposta, mais cedo do que presumível, será em breve verificável, quiçá demasiado tarde para a reacção, ou talvez não.

Não obstante, mesmo os anos de opressão otomana tiveram nos Balcãs efeitos positivos, ao terem acentuado o orgulho nas raízes e a coragem nas adversidades e na guerra, com um desprezo notável pelo sofrimento e um enorme sentido de comunidade e pertença (Stillman 1964: 47).

Importa lembrar, pois, uma vez mais a declaração do pós-primeira guerra balcânica relativa ao Kosovo: “Não há governo Montenegrino ou Sérvio que ceda ou pudesse ceder aos albaneses, ou a quaisquer outros, esta «Terra Sagrada» da nação Sérvia”, relativamente a essa questão “o povo sérvio não quer e não pode fazer quaisquer concessões, transacções ou compromissos, nenhum governo Sérvio faria tal coisa” (Baudson 1996). Acertadas e justas palavras que, tal como no passado, se espera sejam cumpridas pelos futuros executivos sérvios, certos de que a razão está do seu lado.

## Bibliografia

- ANDRYSZEWSKI, Tricia. 2000. *Kosovo. The splitering of Yugoslavia*. Brookfield (CT): The Millbrook Press.
- BAUDSON, Gerard. 1996. *Le Nouvel Ordre Mondial et la Yugoslavie* Paris: Gil Wern Editions.
- BENNETT, Christopher. 1995. *Yugoslavia's Bloody Collapsee. Causes, Course and Consequences*. Nova Iorque: New York University Press.
- FERNANDES, Armando de Almeida. 1992. *Viseu – Pátria de D. Afonso Henriques (conferência)*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu.
- . 1993. *Viseu, Agosto de 1109, nasce D. Afonso Henriques*. Viseu: Governo Civil.
- FINLAN, Alastair. 2004. *The Collapsee of Yugoslavia 1991-1999*. Oxford: Osprey Publishing.
- JOVIĆ, Savo B. 2007. *Ethnic cleansing and cultural genocide on Kosovo and Metohija*. Belgrado: The Holy Synod of Bishops of the Serbian Orthodox Church.
- KARPAT, Kemal H. 2002. *Studies on Ottoman Social and Political History*. Leiden: Brill.
- KRUS, Luís. 1990. D. Afonso I. *Dicionário Enciclopédico da História de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Selecções do Reader's Digest/Publicações Alfa, p. 23.
- LAIYOU, Angeliki E. 2002. Political History: An Outline. In Laiyou, Angeliki E., *The Economic History of Byzantium: From the Seventh through the Fifteenth Century*. Washington: Dumbarton Oaks, pp. 9-28.
- LOPANDIC, Dusko. 2009. Sérvia: Pátria de Imperadores Romanos. *Lusíada. História* 5/6, pp. 149-163.
- MALCOM, Noel. 1998. *Kosovo. A short history*. Londres: Papermac.
- MONCADA, Hugo Solano de Cabral. 2001. *Algumas Considerações Sobre o Conflito do Kosovo no Quadro da Desintegração da Jugoslávia*. Coimbra: Almedina.
- NICOL, Donald MacGillivray. 1993. *The Last Centuries of Byzantium, 1261-1453*. Cambridge: Cambridge University Press.
- NICOLLE, David. 1995. *The Janissaries*. Londres: Osprey Publishing
- OLIVEIRA, Humberto Nuno de. 2007. A Hungria entre duas Guerras Mundiais. *Lusíada. História* 4, pp. 11-63.
- REINERT, Stephen W. 2002. Fragmentation (1204-1453). In Cyril Mango. *The Oxford History of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, pp. 248-283.
- SCHEVILL, Ferdinand. 1995. *A History of the Balkans*. Nova Iorque: Barnes & Nobles Books.
- SOARES, Torquato de Sousa. [1990]. Afonso I. In Joel Serrão. *Dicionário da História de Portugal*. Vol. I. Porto: Livraria Figueirinhas, pp. 36-39.
- STILMAN, Edmund O. e editores da LIFE. 1964. *The Balkans*. Nova Iorque: Time Incorporated.
- THOMAS, Nigel e MIKULAN, Krunoslav. 1995. *Axis Forces in Yugoslavia 1941-45*. Oxford: Osprey Publishing.
- UDOVIČKI, Jasminla e RIDGEWAY, James (Eds). 1997. *Burn this House: The Making and Unmaking of Yugoslavia*. Durham: Duke University Press.
- VICKERS, Miranda. 1998. *Between Serb and Albanian: A History of Kosovo*. Nova Iorque: Columbia University Press.